

O Código do Apocalipse: Introdução

Hank Hanegraaff

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Em 1997, Hal Lindsey publicou *Apocalypse Code* [Código do Apocalipse]. Ele foi lançado repleto com a promessa que Deus tinha lhe privilegiado a fazer o que nunca tinha sido feito antes. Por dois milênios o livro de Apocalipse tinha permanecido envolto em mistério. Intelectos cristãos augustos – Atanásio, Agostinho, Anselmo – fizeram todas tentativas de decifrar o seu significado, mas em vão. Até a presente geração, a mensagem codificada do Apocalipse² permaneceu desconhecida, assim como as bênçãos prometidas àqueles “que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas” (Apocalipse 1:3). Finalmente, promete *Apocalypse Code*, “o pai da profecia bíblica dos nossos dias quebrou o ‘Código do Apocalipse’ e decifrou mensagens há muito ocultas sobre o futuro do homem e o destino da terra.”³ Diz Lindsey: “O Espírito de Deus me deu um discernimento especial, não somente sobre como João descreveu o que ele realmente experimentou, mas também sobre como todo esse fenômeno codificou as profecias, para que pudessem ser plenamente entendidas somente quando seu cumprimento estivesse próximo.”⁴

Um dos discernimentos significantes alegados por Lindsey é que o apóstolo João, autor do Apocalipse, escreveu “somente sobre coisas das quais ele foi uma testemunha ocular.”⁵ Isso, diz Lindsey, levantou uma questão sobre a qual “ponderei e orei por um longo tempo... como poderia um profeta do primeiro século descrever, muito menos entender, os avanços incríveis na ciência e tecnologia que existem no final do século 20 e o começo do século 21?”⁶ A chave para o enigma de Lindsey era uma viagem no tempo. Diz Lindsey: “O conceito único de ‘alguém do primeiro século viajando no tempo’ para o começo do século 21; de ser vividamente exposto a todo o fenômeno de uma guerra mundial travada com armas de poder, velocidade e letalidade inimagináveis; de ser trazido de volta ao primeiro século e escrever um relato ocular exato desse tempo futuro terrível – *é a essência do entendimento do seu código.*”⁷

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em abril/2008.

² O livro de Apocalipse deriva seu nome da palavra grega *apokalupsis*, que é traduzida como “revelação” (veja Apocalipse 1:1).

³ Hal Lindsey, *Apocalypse Code* (Palos Verdes, CA: Western Front, 1997), contracapa.

⁴ *Ibid.*, 37 (ênfase adicionada).

⁵ *Ibid.*, 33.

⁶ *Ibid.*, 36.

⁷ *Ibid.*, 41(ênfase adicionada).

O primeiro exemplo de decodificar o código apocalíptico fornecido por Lindsey envolve o capítulo 9 de Apocalipse. Ele decifra a seguinte descrição dada pelo apóstolo João.

Os gafanhotos *pareciam* cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça *algo como* coroas de ouro, e o rosto deles *parecia* rosto humano. Os cabelos deles eram *como* os de mulher e os dentes *como* os de leão. Tinham couraças *como* couraças de ferro, e o som das suas asas era *como* o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.⁸

Através de “discernimento especial”, Lindsey determinou que os gafanhotos eram “helicópteros de ataque”, as coroas de ouro eram “os capacetes sofisticados usados pelos pilotos de helicóptero”, e o cabelo de mulher era “a hélice rodando.”⁹

Essa descrição de helicópteros Apache, Cobra e Comanche, diz Lindsey,

é apenas um exemplo do tipo de descrição que João registrou nesse livro de profecia misterioso. É minha crença que os eventos e a tecnologia atuais podem nos dar discernimentos para o maravilhoso Livro do Apocalipse, que não poderiam ser enxergados em outras gerações... Este é o código que mais eficazmente manteve a profecia oculta até o tempo do fim... Todos esses símbolos ajudaram a codificar a mensagem de tal forma, que somente uma pessoa espiritualmente viva, guiada pelo Espírito Santo, seria capaz de desvendar o seu conteúdo profético.¹⁰

Embora Lindsey, como “o professor de profecia mais famoso do mundo”¹¹ e co-autor do livro *The Late Great Planet Earth*,^{12 13} seja uma força que devemos refutar, na realidade a quebra do código das passagens de Apocalipse não residem em “discernimento especial”, especulação desenfreada, ou viagens subjetivas de fantasia. Antes, “o código” é decifrado pela leitura da Escritura à luz da Escritura. O real decodificador para o apocalipse “de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer” (Apocalipse 1:1) é o Antigo Testamento. Na verdade, mais de dois terços (2/3) dos quatrocentos e quatro

⁸ A ênfase é de Lindsey, em sua citação de Apocalipse 9:7-10 (NVI) (ibid). Lindsey explica que esses termos qualificadores (“pareciam”, “como”, e assim por diante) indicam que João “estava ciente de descrever veículos e fenômenos muito além da sua compreensão de alguém do primeiro século” (41-42).

⁹ Ibid., 42.

¹⁰ Ibid., 43-44.

¹¹ Ibid., contra-capá.

¹² Hal Lindsey e C. C. Carlson, *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan, 1970).

¹³ Livro publicado no Brasil com o título “Agonia do Grande Planeta Terra”, pela Editora Mundo Cristão. (N. do T.)

(404) versículos de Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento.¹⁴ A razão pela qual frequentemente não vemos nelas nem pé nem cabeça, é que não aprendemos suficientemente a ler a Bíblia da forma como ela merece. Quando nossas interpretações estão presas às sensações mais quentes, e não à Sagrada Escritura, não somos capazes de captar nada – e geralmente erramos o alvo.

Uma década após a publicação de *Apocalypse Code*, estou lançando *The Apocalypse Code* na esperança que você, e multidões como você, seja equipado a ler as Escrituras da forma como elas merecem. À medida que continuar a leitura, você descobrirá que referencio os escritos do dr. Tim LaHaye mais do que qualquer outra “autoridade” moderna em profecia. Embora pudesse ter me centrado em escritos de vários autores, o dr. LaHaye, mais do que qualquer outro na história da igreja contemporânea, se tornou o porta-estandarte do ramo escatológico de Lindsey. A capa de Lindsey caiu diretamente sobre os seus ombros. Como Lindsey, que alega interpretar a profecia “no sentido futurista mais literal possível”,¹⁵ LaHaye continuamente enfatiza que, diferente dos “falsos mestres”, ele está profundamente comprometido com o princípio *literal* como concebido na perspectiva dispensacionalista.¹⁶

Não se engane: isso não é bobagem de um debate de torre de marfim. Os riscos para o Cristianismo e a cultura na controvérsia ao redor da escatologia são enormes! Não somente passagens grandes e gloriosas, que por toda a história da igreja acreditava-se referir-se à esperança bendita da ressurreição, são arrogadas para si pela teoria dispensacionalista do arrebatamento, primeiramente popularizada no século dezenove por um sacerdote chamado John Nelson Darby; mas por extensão lógica, a singularidade e importância da ressurreição de Cristo são questionadas.

Ressurreição do Anticristo

Um caso clássico apropriado é a descrição que LaHaye faz do Anticristo. Em *O Possuído*, sétimo volume da série Deixados para Trás de LaHaye,¹⁷ Nicolae Carpathia, o personagem do Anticristo da ficção, morre e ressuscita fisicamente para vindicar sua alegação de ser Deus. Assim como Cristo, o Anticristo de LaHaye morre numa sexta-feira e ressuscita dentre os

¹⁴ Veja Bruce M. Metzger, *Breaking the Code: Understanding the Book of Revelation* (Nashville: Abingdon, 1993), 13.

¹⁵ Lindsey, *Apocalypse Code*, 32.

¹⁶ Tim LaHaye, “Introduction”, em Mark Hitchcock e Thomas Ice. *The Truth Behind Left Behind: A Biblical View of the End Times* (Sisters, OR: Multnomah, 2004), 7.

¹⁷ A série Deixados para Trás, co-autorada com Jerry B. Jenkins, é uma série de ficção que ocorre num futuro próximo, e que descreve um arrebatamento invisível de cristãos de toda a Terra, seguido por um período de tribulação de sete anos, conduzido pelo Anticristo, bem como de outros eventos proféticos vinculados pela atualmente teologia popular dos finais dos tempos, o pré-milenismo dispensacionalista, que se originou com John Nelson Darby.

mortos no primeiro dia da semana. E como Cristo, ele tem o poder sobre a “terra e o céu.”¹⁸ A crença de LaHaye na ressurreição do Anticristo é derivada em parte por uma interpretação literalista de Apocalipse 13. O apóstolo João diz que a “ferida de morte” da Besta foi curada (v. 3). Portanto, na forma de pensamento de LaHaye, o Anticristo, como Cristo, receberá poder um dia para dar a sua vida e tomá-la de novo. O que não é considerado no literalismo de LaHaye é o fato que Apocalipse 13 também comunica claramente que a Besta tinha sete cabeças e somente uma de suas sete cabeças “parecia” fatalmente ferida (vv. 1, 3, NTLH). Além do mais, a Besta é descrita como tendo “dez chifres”, parecendo com “um leopardo”, tendo “seus pés como os de urso”, ostentando uma “boca como a de leão” (vv. 1-2).

Embora a interpretação de LaHaye seja sem dúvida motivada por um desejo de ser bíblico, ela, todavia, destrói a garantia epistêmica para a ressurreição e por fim a divindade do nosso Senhor.¹⁹ Se o Anticristo pudesse ressuscitar dentre os mortos e controlar o céu e a terra como LaHaye afirma, o Cristianismo perderia a base para crer que a ressurreição de Cristo vindicou sua afirmação de ser Deus. Numa cosmovisão cristã, Satanás pode imitar a obra de Cristo através de “todo tipo de falsos milagres, sinais e maravilhas” (2 Tessalonicenses 2:9), mas ele não pode realizar o verdadeiramente miraculoso como Cristo o fez. Se Satanás possuísse o poder criativo de Deus, ele poderia ter se disfarçado de o Cristo ressurreto. Além do mais, a noção que Satanás pode realizar atos que são indistinguíveis de milagres genuínos sugere uma cosmovisão dualista, na qual Deus e Satanás são poderes iguais e opostos competindo por domínio.²⁰

Discriminação Racial

Em adição, há o problema gravíssimo de ***discriminação racial***. A teologia bíblica não conhece nada de racismo. Nem jamais justifica a limpeza étnica baseada no pretexto de uma promessa feita a Abraão. Antes, de acordo com a Escritura, “não há grego, nem judeu”. Não existe uma distinção entre Israel e

¹⁸ Veja Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, *The Indwelling: The Beast Takes Possession* (Whaeton: Tyndale, 2000), 363-68. Para que essa visão aberrante não seja explicada como aceitável numa ficção, podemos argumentar que LaHaye defende sua visão que “o Anticristo morrerá e ressuscitará” em seu comentário sobre Apocalipse, *Revelation Unveiled*, mencionado em sua contra-capa como “o fundamento bíblico para a série best-seller Deixados para Trás”. Comentando sobre Apocalipse 17:11, LaHaye escreve: “Ele [o Anticristo] morrerá no meio do período da Tribulação, imitará a ressurreição de Jesus Cristo voltando à vida, mas no final da Tribulação será destruído” (19-20)” (Tim LaHaye, *Revelation Unveiled* [Grand Rapids: Zondervan, 1999], 262; veja também 211-12). Thomas Ice defende a visão de LaHaye em “The Death and Resurrection of the Beast”, <http://www.pre-trib.org/article-view.php?id=239> (acesso em 26 de dezembro de 2006).

¹⁹ Parágrafo adotado de Hank Hanegraaff e Sigmund Brouwer, *The Last Disciple* (Whaeton: Tyndale, 2004), 394.

²⁰ LaHaye sem dúvida nega que sustenta uma cosmovisão dualista na qual Satanás é igual a deus. Ele poderia dizer que Deus está soberanamente permitindo que Satanás realize esse milagre dos milagres uma única vez. Tal concepção, todavia, mina sua profissão de monoteísmo.

a igreja baseada em raça. Como o apóstolo explica: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus... e, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:26-29). A Escritura enfatiza a *fé* e não a genealogia. Assim, o Cristianismo histórico sempre acreditou num único povo de Deus baseado em *relacionamento*, e não em raça.

De uma forma extremamente oposta, LaHaye divide o povo em duas categorias com base na raça, ao invés de relacionamento. Em sua visão, Deus tem duas “classes” de pessoas. A primeira classe consiste de judeus. A segunda classe consiste de gentios. Nas palavras de LaHaye, “Jacó teve 12 filhos, que se tornaram os cabeças das 12 tribos de Israel. Eles começaram a nação judaica, e desde então a raça humana tem se dividido em *judeus e gentios*... Israel começou com o ‘Pai Abraão’ e continuará como uma entidade distinta por toda o restante da história.”²¹

Uma das formas nas quais LaHaye distingue entre essas duas classes é o temperamento: “Como um estudante do temperamento humano por muitos anos, tenho sido intrigado pelo temperamento judeu. Após analisar cuidadosamente o temperamento do primeiro israelita como descrito na Bíblia, descobri ser Jacó um ‘clone’ para os residentes de Israel do século vinte.”²² Portanto, de acordo com LaHaye, as duas classes podem ser corretamente distinguidas e divididas sobre a base de características pessoais.

As boas novas para os judeus é que LaHaye crê que sobre a base de sua raça, eles têm um direito divino à terra da Palestina. As notícias ruins é que, como resultado direto da crucificação de Cristo, os judeus do século vinte e um em breve morrerão num Armagedon que fará o Holocausto Nazista ser mínimo, se comparado. Assim, antes de “todo o Israel ser salvo” (Romanos 11:26), a maioria dos israelitas deve ser assassinada.

De acordo com *The End Times Controversy*, editado por LaHaye, quando os descendentes de Jacó rejeitaram e crucificaram a Cristo, eles sofreram duas conseqüências diferentes. A primeira conseqüência foi que “o rebanho de Israel foi disperso.” A segunda conseqüência será “a morte de dois terços do rebanho. Isso será cumprido durante a Grande Tribulação, quando Israel sofrerá tremenda perseguição (Mateus 24:15-28; Apocalipse 12:1-17). Como resultado dessa perseguição do povo judeu, dois terços deles serão mortos.”²³

²¹ Tim LaHaye e Thomas Ice, *Charting the End Times* (Eugene, OR: Harvest House, 2001), 46, ênfase adicionada. LaHaye crê que existem essencialmente três classes, a saber, Israel e a igreja, com a igreja subdividida em crentes e “Cristandade”. Em suas palavras, “a Escritura fala de três classes de pessoas por todas as profecias e histórias. Encontramos as três em 1 Coríntios 10:32”. A segunda classe é composta de “dois aspectos da igreja – crentes verdadeiros e a Cristandade”. Da perspectiva de LaHaye, os crentes verdadeiros são o “corpo de Cristo, que começou no Dia de Pentecostes e irá para o céu no Arrebatamento”. A Cristandade, em contraste, será deixada para trás, e entrará o período da Tribulação e é preparado para servir como prostituta de Satanás” (LaHaye e Ice, *Charting the End Times*, 46-50).

²² Tim LaHaye, *Beginning of the End* (Wheaton: Tyndale, 1972), 45.

²³ Arnold G. Fruchtenbaum, “The Little Apocalypse of Zechariah”, em Tim LaHaye e Thomas Ice, eds., *The End Times Controversy* (Eugene, OR: Harvest House, 2003), 262. Deveria ser observado que

LaHaye predisse que esse holocausto judeu está às portas. Em suas palavras, há uma “ampla razão para concluir que a declaração austríaca de guerra em julho de 1914 começou a cumprir o *sinal* do final dos tempos, como dado por nosso Senhor”.²⁴ LaHaye gasta vários capítulos em *The Beginning of the End* procurando demonstrar a partir das palavras do nosso Senhor que a geração que viu a Primeira Guerra Mundial não passará antes de Jesus retornar.²⁵ Visto que “nenhuma outra explicação se encaixa com o contexto”,²⁶ LaHaye diz que ele está certo que “podemos assim saber o tempo do seu retorno”.²⁷ Embora LaHaye tenha feito inúmeras revisões e retratações ao longo dos anos, ele continua a insistir que há mais razão agora do que jamais antes para crer que estamos vivendo às sombras do maior apocalipse na história humana.²⁸

A teoria de LaHaye de dois povos de Deus tem tido conseqüências assustadoras não somente para os judeus, mas para os árabes palestinos também. Diferente dos primeiros dispensacionalistas, que criam que os judeus seriam reunidos na Palestina por causa da *crença* em seu Redentor, LaHaye sustenta a teoria que os judeus devem ser inicialmente reunidos em *incredulidade* sobre a base da raça somente.²⁹ Tais noções anti-bíblicas colocam os cristãos zionistas numa posição indefensável de fechar os olhos para a remoção dos cristãos palestinos de sua terra natal, para facilitar uma ocupação baseada em incredulidade e afiliação racial.

A conseqüência trágica é que os palestinos hoje formam o maior grupo de pessoas exiladas no mundo.³⁰ Como o dr. Gary Burge, professor de Novo Testamento na Wheaton College e Graduate School, explica: “Os historiadores israelitas falam agora sobre a expulsão planejada e em massa dos

Fruchtenbaum aqui aponta que pode muito bem ser que o julgamento de Deus contra dois terços dos judeus envolva o assassinato não somente daqueles na terra de Israel, mas de dois terços de todos os judeus do mundo.

²⁴ LaHaye, *Beginning of the End*, 38-39, ênfase no original. LaHaye argumenta que a Primeira Guerra Mundial cumpriu a profecia de Mateus 24:7, que em sua mente foi o sinal para indicar “o começo do fim”.

²⁵ Veja, e.g., *ibid.*, capítulo 2, “The First Sign of the End”, e capítulo 15, “Is This the Last Generation?”

²⁶ *Ibid.*, 165.

²⁷ *Ibid.*, 164.

²⁸ Veja, e.g., Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, *Are We Living in the End Times?* (Wheaton: Tyndale, 1999). LaHaye explica seus dois principais objetivos em escrever esse livro: “1. Fornecer um esboço básico útil dos eventos dos finais dos tempos e a verificação bíblica das personagens fictícias da série Deixados para Trás; 2. Mostrar que temos mais razão que qualquer geração antes de nós para crer que Cristo pode retornar em nossa geração “(xi). Além do mais, mesmo em 1999, LaHaye não descartou a possibilidade da geração que viu a Primeira Guerra Mundial ser a geração profetizada de que não passaria até que o Senhor retorne, dizendo que o cenário “não deveria ser completamente descartado por outros cinco anos ou mais” (59).

²⁹ Veja, e.g., LaHaye e Ice, *Charting the End Times*, 84-87; veja também o capítulo 6, n. 43, abaixo.

³⁰ Gary Burges escreve: “De acordo com os registros da ONU em junho de 1991, aproximadamente 3,6 milhões de palestinos refugiados são vítimas do nacionalismo de Israel” (Gary M. Burge, *Whose Land? Whose Promise? What Christians Are Not Being Told about Israel and the Palestinians* [Cleveland: Pilgrim, 2003], x). O Human Rights Watch diz: “Os palestinos são a população de refugiados mais velha e numerosa, e possui mais de um quarto de refugiados”. Cf. Jimmy Carter, *Palestine Peace not Apartheid* (New York: Simon & Schuster, 2006).

palestinos, uma forma primitiva de ‘limpeza étnica’. O resultado nacional mais problemático tem sido a destruição de pelo menos quatrocentos vilas palestinas, a ruína de dezenas de comunidades árabes urbanas, e vários massacres que motivaram a população árabe a fugir.”³¹

Se a América requeresse que os descendentes da África carregassem cartões especiais de identidade ou deixasse o país para abrir caminho para aqueles de ancestrais europeus, seríamos condenados como uma nação que promove racismo e segregação racial. Tentar justificar nossas ações sobre a base de proibições bíblica é ainda mais impensável. Diz Burge: “Qualquer país que exclua na prática um segmento de sua sociedade dos seus benefícios nacionais sobre a base de raça, dificilmente pode ser qualificada como democrática.”³²

Isso é precisamente o porquê o Zionismo tem sido rotulado de filosofia política racista. Como Burge observa, “em 1998, a Associação para Direitos Civis em Israel acusou o governo de discriminação baseada em raça, e de ‘criar uma atmosfera ameaçadora que faz violência aos direitos humanos mais aceitáveis.’”³³

Longe de facilitar a discriminação racial sobre a base de nossas pressuposições escatológicas, os cristãos devem ser equipados para comunicar que o Cristianismo não conhece nada de dividir as pessoas com base em raça. Assim como o evangelicalismo agora repudia universalmente o apelo anteriormente comum a Gênesis 9:27 para apoiar a escravidão de negros, devemos total e finalmente excluir qualquer pensamento que a Bíblia apóia os horrores da discriminação racial, não importa em que forma a encontremos, quer nos limites dos Estados Unidos ou nas regiões santas do Oriente Médio.

Propriedade da Terra

Finalmente, em disputa está um debate explosivo sobre a *propriedade da terra*. Oito anos antes de Israel ser formalmente fundado em 1948, Joseph Weitz, diretor do Jewish National Land Fund [Fundo Nacional Judaico], definiu o debate sobre a propriedade da terra quando declarou que não há lugar suficiente na Palestina para judeus e árabes. “Se os árabes deixarem o país, será o bastante para nós. Se ficarem, o país permanecerá limitado e miserável. A única solução é Israel sem os árabes. Não há espaço para concessões nesse ponto.”³⁴ O primeiro ministro de Israel, David Ben-Gurion, foi igualmente direto quando escreveu: “Expulsaremos os árabes e tomaremos o seu lugar.”³⁵

³¹ Burge, *Whose Land?* 109.

³² *Ibid.*, 141.

³³ *Ibid.*

³⁴ Citado em *Ibid.*, 39.

³⁵ Citado em *ibid.*

Assim, aproximadamente três anos após o Holocausto Nazista terminar em 1945, um holocausto na Terra Santa foi iniciado. Irmão André, melhor conhecido por contrabandear Bíblias para cristãos que viviam por detrás da Cortina de Ferro, lembra o famoso massacre de Deir Yassin, em 1948, no qual uma vila inteira de duzentos e cinquenta homens, mulheres, crianças e bebês foram brutalmente assassinados pelo exército israelita: “Uns poucos foram deixados vivos e levados para outras vilas para contar a história; então aqueles homens seriam mortos também. O resultado foi um pânico. Esse é o porquê muitos palestinos fugiram. Vilas inteiras foram esvaziadas, que era exatamente o que os israelitas queriam. Eles simplesmente tiraram aquelas pessoas de seus lares.”³⁶

Em *Whose Land? Whose Promise?* [Que Terra? Que Promessa?], Gary Burge provê nomes e faces para muitas das vítimas e vilas que foram assoladas.

Na'im Stifan Ateek tinha onze anos em 1948. Ele e sua família pertenciam à comunidade Cristã Anglicana em Beisan. Sua casa era o lugar da atividade cristã: estudos bíblicos, visitas missionárias, e escolas dominicais aconteciam ali. Seu pai ainda ajudou a construir uma Igreja Anglicana para Beisan. Na ausência de um pastor anglicano residente (que vinha de Nazaré uma vez ao mês para a Santa Ceia), o pai de Na'im servia como o leigo da igreja.

Em 12 de maio de 1948 (dois dias antes do estado de Israel ser declarado), os soldados israelitas ocuparam Beisan. Não houve nenhuma luta, resistência ou matança. A cidade foi simplesmente tomada. Após vasculhar as casas procurando armas e rádios, em 26 de maio eles reuniram os principais homens daquela cidade e fizeram um anúncio importante. Todos teriam que deixar as suas casas em poucas horas. “Se você não deixar, será assassinado”, disseram.

Quando o povo se reuniu no centro da cidade, os soldados separaram os muçulmanos dos cristãos. Os muçulmanos foram enviados para o leste do Jordão, e os cristãos foram colocados em ônibus e deixados nos subúrbios de Nazaré. Dentro de poucas horas, a mãe, pai, as sete irmãs e os dois irmãos de Na'im eram refugiados. Eles tinham perdido tudo, exceto as coisas que puderam carregar. Em Nazaré eles se uniram a alguns amigos, e dezessete deles viviam em dois quartos perto do “Poço de Maria”. O pai de Na'im começou a trabalhar para ajudar os inúmeros cristãos e muçulmanos que iam para Nazaré como refugiados diariamente.

Dez anos mais tarde, em 1958, o governo permitiu que muitas das famílias palestinas viajassem por um dia sem restrição. O pai de Na'im estava ansioso para levar seus filhos para Beisan, de forma que pudessem ver sua “casa”. A Igreja Anglicana tinha se tornado um

³⁶ Brother Andrew e AL Janssen, *Light Force: A Stirring Account of the Church Caught in the Middle East Crossfire* (Grand Rapids: Revell, 2004), 110.

depósito. A Igreja Católica Romana era uma escola. A igreja Ortodoxa Grega estava em ruínas. Na'im lembra o momento que seu pai chegou até a porta de sua casa, aquela que ele tinha construído com as suas próprias mãos. Ele queria vê-la pela última vez. Mas seu pedido foi recusado. O novo ocupante israelita disse: "Esta não é a sua casa. É nossa."³⁷

Burge continua e reconta a história de um camponês árabe inquirindo um oficial na Israel Lands Administration [Administração das Terras de Israel].

"Como você nega o meu direito a esta terra? Ela é propriedade minha. Herdei-a de meus pais e avós, e tenho a escritura." O oficial replicou: "A nossa escritura é mais imponente; temos a escritura da terra desde Dan [no extremo norte] até Elat [no extremo sul]." Outro oficial estava pagando a um camponês um valor simbólico por sua terra. Segurando a escritura do camponês, o oficial observou: "Esta não é a sua terra; é nossa, e estamos pagando a você 'o salário de vigia', pois isso é o que vocês são. Vocês vigiaram a nossa terra por dois mil anos, e agora estamos lhes pagando. Mas a terra sempre foi nossa."³⁸

O antigo primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, colocou isso claramente: "Nossa reivindicação a essa terra é baseada no maior e mais incontroverso documento na criação – a Bíblia Sagrada."³⁹

O debate sobre a quem pertence a terra se eleva com a cidade de Jerusalém. Nenhum pedaço de Israel é mais cobiçado. E em Jerusalém nenhuma propriedade é mais preciosa do que o Monte do Templo. LaHaye chama o Monte Moriá, lugar do antigo templo judaico, de "o chão mais cobiçado no mundo." Como ele explica, "a profunda importância da Guerra dos Seis Dias de 1967 é vista na esperança que afinal Israel pode reconstruir seu templo. Isso não é simplesmente um anseio nacional – mas um requerimento profético da Palavra de Deus."⁴⁰

LaHaye continua e ressalta o que ele considera ser o maior dilema: "A multimilionária Cúpula da Rocha dos muçulmanos está localizada exatamente onde o templo deveria estar."⁴¹ Ele discorda daqueles que sugerem que o templo judeu pode coexistir com a mesquita muçulmana. "Alguns têm tentado sugerir que talvez essa localização não seja o único lugar em Jerusalém onde o templo poderia ser construído, e assim a mesquita muçulmana e o templo judeu poderiam coexistir. Nenhum estudante cuidadoso da Bíblia

³⁷ Burge, *Whose Land?* 81.

³⁸ *Ibid.*, 92.

³⁹ "Address byr Prime Minister Benjamin Netanyahu", The Feast of Tabernacles Conference, 5 de outubro de 1998, National Christian Leadership Conference for Israel; também citado em Timothy P. Weber, *On the Road to Armageddon: How Evangelicals Became Israel's Best Friend* (Grand Rapids: Baker, 2004), 217.

⁴⁰ LaHaye, *Beginning of the End*, 50.

⁴¹ *Ibid.*, 51.

aceitaria esse raciocínio... Não há substituto sobre a face da terra para esse local.”⁴² De acordo com LaHaye, “não há outro fator único tão certo de fazer os árabes se reunirem para iniciar uma guerra santa do que a destruição da Cúpula da Rocha.”⁴³

Tal retórica inflamada levanta inúmeras questões problemáticas. A Bíblia profetiza mesmo um templo reconstruído, com sacrifícios restituídos que são “*para expiação*, e não como um memorial”⁴⁴, sobre o pedaço de terra exato sobre o qual a mesquita dos muçulmanos tem estado por séculos? Existe verdadeiramente uma necessidade de reconstruir um templo e inflamar as chamas do Armagedon no século vinte e um, à luz do ensino do nosso Messias, no primeiro século, que viria o tempo quando os verdadeiros adoradores não mais adorariam sobre o monte em Samaria ou num templo em Jerusalém (João 4:21-22)? No final, devemos decidir se a terra é o foco do Senhor ou o Senhor o local da terra.⁴⁵

Nas páginas que seguem, você responderá essa e inúmeras outras perguntas internalizando e aplicando os princípios de uma metodologia chamada Escatologia Exegética ou e². No processo você não somente será equipado a interpretar a Bíblia como ela merece, mas poderá descobrir também que possui a chave para o problema do terrorismo numa mão, e o detonador do Armagedon na outra.

Fonte: *The Apocalypse Code*, Hank Hanegraaff, Thomas Nelson p. xv-xxvii.

⁴² Ibid., 58.

⁴³ Ibid., 55-56.

⁴⁴ LaHaye e Ice, *Charrtig the End Times*, 95 (ênfase no original).

⁴⁵ O autor faz um jogo de palavras (*focus, locus*), impossível de ser reproduzido em português. (N. do T.)